

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-02-05

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Vidal, F., Veloso, L. & Rosas, J. (2024). A luta das trabalhadoras da Applied Magnetics. In Ricardo Vieira Lisboa (Ed.), Fernando Matos da Silva: O cinema a fazer realidade. (pp. 165-180).: Cinemateca.

Further information on publisher's website:

https://www.cinemateca.pt/CinematecaSite/media/Documentos/FMS_livro_web.pdf

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Vidal, F., Veloso, L. & Rosas, J. (2024). A luta das trabalhadoras da Applied Magnetics. In Ricardo Vieira Lisboa (Ed.), Fernando Matos da Silva: O cinema a fazer realidade. (pp. 165-180).: Cinemateca.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Cinema Militante: A Luta das Trabalhadoras da Applied Magnetics (1973-1975)¹

Frédéric Vidal, Luísa Veloso e João Rosas

O golpe militar de 25 de Abril de 1974 que derrubou o regime do Estado Novo desencadeou uma vaga de mobilização popular que, num contexto de crise generalizada do Estado, conduziu à elaboração de novas formas de ação coletiva e de participação política – comissões de trabalhadores, assembleias locais, comissões de moradores, etc. – e a emergência de uma «constelação de poderes alternativos»². Foi um movimento revolucionário que conheceu rapidamente uma forte radicalização, com o surgimento de repertórios e formas de ação transgressoras (ocupação, sequestros, expulsões) e mesmo violentas³. Durante vários meses, enquanto a nova arquitetura institucional tarda a emergir, as manifestações, mais ou menos controladas pelos diversos grupos políticos organizados, constituem o modo de ação fundamental. Nas empresas, as comissões de trabalhadores, eleitas ou designadas, afirmam-se como «a estrutura essencial de organização dos trabalhadores», gerando, por vezes, relações tensas com a Intersindical influenciada pela linha do Partido Comunista Português (PCP) e que tenta intervir de forma externa aos conflitos⁴.

A partir da análise de dois filmes que retratam as lutas de um grupo de trabalhadores de uma empresa multinacional da periferia de Lisboa – a Applied Magnetics –, analisamos representações do trabalho presentes em filmes de cinema militante realizado em Portugal na segunda metade da década de 1970.

A Applied Magnetics foi uma empresa multinacional do setor eletrónico que operou em Portugal no início da década de 1970. A atividade desta empresa, propriedade de uma entidade norte-americana, ilustra bem os efeitos locais da transformação do sistema económico e social português que ocorreu desde o final da década de 1950. O dinamismo da economia portuguesa durante este período resultou, entre outros fatores, de um crescimento dos investimentos diretos externos, encorajados pelos salários baixos, nomeadamente no setor da confeção ou da eletrónica⁵. A presença das multinacionais em Portugal enquadra-se no processo global de divisão internacional do trabalho. Associada a esta vertente, destacam-se as atividades económicas de mão de obra intensiva, baseada numa divisão sexual do trabalho, destinando às mulheres as tarefas desqualificadas e exigentes em minúcia e atenção, num contexto de uma economia assente em vantagens comparativas e não competitivas⁶.

Nos últimos anos da ditadura do Estado Novo e no período de transição democrática (1974-1976), os trabalhadores dessas empresas multinacionais presentes em Portugal, nomeadamente na periferia de Lisboa (tais como, Olivetti, IBM, Signetics, Timex, Sogantal, AEG

¹ Uma versão mais extensa da análise realizada encontra-se em Vidal e Veloso, coord., 2016, pp. 189-219. A investigação “WorkS – O trabalho no ecrã” (PTDC/IVC SOC/3941/2012) foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e desenvolvida no Cies-Iscte-Instituto Universitário de Lisboa em parceria com o CRIA e o CECL-UNL.

² Cerezaes, 2003, p. 137 e p. 175.

³ Idem, p. 31.

⁴ Suárez, 2008, p. 47-48

⁵ Santos et al., 1976.

⁶ Rodrigues, 1988.

– Telefunken, Bosch, Siemens, Grundig, Philips, Triumph), vão ter um papel bastante ativo no movimento social de contestação das condições de trabalho e da organização interna das empresas. Após o golpe militar de 25 de abril de 1974, essas lutas procuraram estender o movimento revolucionário político (que tinha por principal objetivo a instauração da democracia) ao campo social, defendendo uma transformação mais radical da sociedade portuguesa⁷.

A empresa Applied Magnetics estava localizada em Sacavém, na periferia industrial de Lisboa, que conheceu uma forte expansão desde os anos 1960. Em abril de 1974, a Applied Magnetics empregava cerca de 700 trabalhadores, com cerca de 90% de mão de obra feminina. Em outubro de 1973, esta empresa conheceu uma primeira greve, num contexto de crise geral de um setor eletrónico marcado por condições de trabalho penosas, com salários baixos, uma mão de obra feminina e muito jovem⁸. Uma greve parcial foi iniciada no dia 23 de outubro de 1973, envolvendo cerca de 70 trabalhadoras da secção de matrizes, que empregava exclusivamente mulheres. A principal reivindicação das grevistas era o aumento dos salários. Após dois dias de paralisação, e com a intervenção do sindicato e dos Serviços de Acção Social, a greve acabou sem se verificar um melhoramento substancial das condições de trabalho na empresa⁹.

Imediatamente após o 25 de Abril de 1974, foi formada uma Comissão de Trabalhadores que negociou com a direção da empresa um aumento salarial, fixando-se em maio um salário mínimo de 4.800 escudos¹⁰. Em julho de 1974, a direção da Applied Magnetics anunciou os primeiros despedimentos, o que conduziu à intervenção do Ministério do Trabalho e gerou uma certa mediatização da luta dos trabalhadores da Applied Magnetics. A partir dos relatos da imprensa da época, Miguel Suárez reconstitui os eventos do verão de 1974 da maneira seguinte:

«Os trabalhadores vão lutar em defesa do seu emprego organizando piquetes nas instalações da empresa e no Hotel Sheraton para impedir a fuga do administrador. No dia 24 de Julho tem lugar uma reunião no Ministério do Trabalho (MT) entre administradores, Ministério e trabalhadores. A Administração recusa-se a negociar com a [Comissão de Trabalhadores (CT)] e, já de noite, quando o administrador abandona o edifício do MT, os trabalhadores ali concentrados durante todo o dia tentam retê-lo. Só a intervenção de elementos da CT faz com que o administrador da empresa possa abandonar o local em liberdade e sem danos. Finalmente o Sr. Cecil Fraser, administrador da Applied Magnetics em Portugal, acabará por abandonar o país. A dívida aos trabalhadores, somando salários em atraso e indemnização, alcança os 3.600 contos. O Ministério do Trabalho assume o compromisso de pagar um subsídio a cada trabalhador no valor de metade do salário mínimo, 1.650 Escudos, durante seis meses.»¹¹

Em janeiro de 1975, após ter terminado o pagamento do subsídio de desemprego por parte do Ministério do Trabalho, a empresa foi ocupada por um grupo de trabalhadores que reivindicavam o pagamento das dívidas por parte da empresa-mãe e a nacionalização do estabelecimento português¹². A luta de um grupo de trabalhadores da Applied Magnetics, cada vez mais reduzido, continuou até ao final de 1975.

⁷ Suárez, 2008.

⁸ Idem.

⁹ Santos et al., 1976, p. 72.

¹⁰ Suárez, 2008, p. 82.

¹¹ Suárez, 2008, p. 83.

¹² Varela, 2014.

Os dois momentos mais agudos do conflito – julho de 1974 e janeiro de 1975 – surgem nas fases menos intensas do movimento revolucionário que percorre o país entre abril de 1974 e o final do ano de 1975. Esta situação contracíclica pode ter favorecido o interesse dos meios de comunicação social (jornais e televisão), e dos cineastas militantes então bastante presentes nas fábricas.

A história da luta das trabalhadoras da Applied Magnetics foi, com efeito, retratada em dois filmes:

i) APPLIED MAGNETICS – O INÍCIO DE UMA LUTA, um filme de 1975, a preto e branco, com 47 minutos de duração. Trata-se de um episódio da série NOME MULHER, da autoria de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa, produzida pela cooperativa cinematográfica Cinequipa para a RTP. A realização, apesar de não estar creditada no genérico, é de Fernando Matos Silva, que é também o narrador do filme;

ii) CONTRA AS MULTINACIONAIS, um filme de 1977, a cores, com a duração de 64 minutos, produzido e realizado pela Cinequipa, com o apoio financeiro do Instituto Português do Cinema. O texto da narração foi escrito e coligido por Júlia Barata e Fernando Matos Silva, autor do filme, apesar de este ser assinado coletivamente pela cooperativa, uma característica do cinema militante.

A seguinte análise é baseada em três tipos de fontes:

i) Os dois filmes referidos;

ii) O arquivo pessoal de um dos principais membros da cooperativa Cinequipa e realizador dos filmes, Fernando Matos Silva (arquivo Fernando Matos Silva – AFMS). Neste arquivo encontra-se documentação de natureza diversa referente à atividade profissional do realizador, entre o final da década de 1960 e os anos 1990: material relacionado com a produção dos filmes, revistas, atas de reuniões da Cinequipa, correspondência, compilações de recortes de jornal, fotografias, cassetes áudio e VHS, documentação sindical, entre outros. Esta documentação permitiu reconstituir alguns aspetos da trajetória pessoal de um cineasta (a de Fernando Matos Silva), a trajetória coletiva de um conjunto de cineastas e trabalhadores do cinema (a cooperativa Cinequipa), e algumas das transformações das formas de organização da produção cinematográfica em Portugal nos anos 1970. O arquivo permite conhecer os contextos culturais e/ou ideológicos, e as redes de influência da atividade da Cinequipa e de Fernando Matos Silva. Permite ainda reconstituir diferentes fases da produção dos dois filmes sobre a Applied Magnetics, com uma documentação mais ou menos técnica (planeamento dos filmes, argumentos, fichas técnicas, folhas de misturas de som, orçamentos, entre outros) e, no caso do filme de 1977, as respetivas fases de divulgação e receção (programação em festivais, dossiê de imprensa, etc.). A documentação presente neste arquivo pessoal foi, por fim, complementada por um conjunto de documentos relacionados com os acontecimentos representados no filme e conservados no Centro de Documentação 25 de Abril (recortes de imprensa e documentação da Comissão de Trabalhadores da Applied Magnetics);

iii) Entrevistas ao realizador e à jornalista do programa de televisão.

Os filmes sobre a Applied Magnetics assinados pela cooperativa Cinequipa podem ser considerados como paradigmáticos do cinema militante produzido em Portugal durante a segunda metade da década de 1970. Esta noção de «filme militante» remete para um contexto nacional – o movimento revolucionário pós-25 de abril de 1974 e o período de transição democrática – mas também transnacional, associado aos movimentos sociais europeus pós-

maio de 1968. Produzidos principalmente entre o final dos anos 1960 e na década de 1970, estes filmes têm constituído um *corpus* que testemunha um momento específico da história do cinema durante o qual foram repensados tanto os modos de representação dos trabalhadores nos filmes, como as formas de intervenção política dos cineastas, bem como o papel do cinema enquanto instrumento de emancipação. Como referiu Chris Marker – uma das figuras mais importantes do cinema militante desses anos – numa entrevista à revista *Film Comment* em 2003, o projeto deste cinema militante era «dar o poder da palavra a pessoas que não o têm, e, quando possível, ajudá-las a encontrar os seus próprios meios de expressão.»¹³

É neste contexto que, em Portugal, emergem em 1973 as atividades de um grupo de cineastas e técnicos de cinema em torno dos irmãos Matos Silva (Fernando e João) e de José Nascimento, que vão constituir em 1974 a cooperativa «Cinequipa - Grupo de cinema experimental».

Entre 1974 e 1981, a Cinequipa participou na produção ou realização de 21 obras cinematográficas e produziu para a RTP cerca de 160 títulos integrados nas séries NOME MULHER, VER E PENSAR I e II, ESPAÇO VISUAL, ENTRE MARIDO E MULHER e IMAGINAÇÕES DA MATÉRIA. No final da década de 1970, 32 pessoas trabalhavam, de uma maneira mais ou menos contínua, na cooperativa, representando os diferentes ramos dos ofícios do cinema: realizadores, assistentes, técnicos, produtores, atores, administrativos, etc.¹⁴

A noção de «cinema militante» remete para uma prática cinematográfica, ou seja, uma forma específica de organização social e económica da atividade cinematográfica. A partir do AFMS, podemos salientar várias dimensões dessa prática. De facto, este arquivo testemunha a transformação do trabalho do cineasta e da sua posição no campo cinematográfico português entre o final da década de 1960 – ainda durante o período do Estado Novo – e o período revolucionário pós-25 de abril de 1974.

Fernando Matos Silva esteve diretamente envolvido no processo de reconfiguração do modo de produção do cinema português, antes e depois do 25 de abril de 1974. Em 1969, foi um dos membros fundadores do Centro Português de Cinema (CPC), financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Após o 25 de Abril, o movimento das cooperativas – a Cinequanon, a Cinequipa e o Grupo Zero – nasce da desagregação do CPC. Nos meses que se seguem ao 25 de Abril, dois modelos de produção confrontam-se: o das cooperativas de realizadores (sobretudo vindos do movimento do Cinema Novo) e o das Unidades de Produção formadas no seio do Instituto Português de Cinema (IPC), alegadamente controlado pelo PCP¹⁵.

A Cinequipa começou informalmente a sua atividade em 1973, numa altura em que qualquer inovação em matéria política e cultural era vista como uma forma de oposição ao regime: «em 73 nunca conseguíamos fazer, porque a PIDE tinha de opinar sobre as pessoas e nós éramos todos comunistas, bastava termos feito coisas ao contrário. Não éramos, mas bastava termos assinado papéis, aqueles papéis de abaixo-assinado ou não-sei-quê, era toda a gente, pronto, "Ah isso são comunistas!"»¹⁶.

O cinema militante devia estabelecer uma relação específica com a realidade social do momento, construída no tempo presente e no momento da filmagem. Esta preocupação passa pela reivindicação de novas formas cinematográficas. Assim, CONTRA AS MULTINACIONAIS é

¹³ Citada por Stark, 2012, p. 1119.

¹⁴ AFMS, Quem é a Cinequipa, 1980.

¹⁵ Costa, 2002; Cunha, 2014.

¹⁶ Entrevista ao realizador.

alternadamente qualificado de «reportagem filmada», «filme-reportagem», ou «filme de combate-análise»¹⁷. A proximidade com as situações e os indivíduos filmados rapidamente se transforma em participação direta e envolvimento nas lutas. A criação da «relação filme-operários»¹⁸ era de facto apresentada como o próprio objetivo da filmagem, mais do que a realização do filme em si. A propósito da série NOME MULHER, diz Fernando Matos Silva, «aquilo para mim também é uma surpresa, é um submundo terrível de trabalho, pelas condições de trabalho. Nós tínhamos que lá estar ao lado deles, não era uma questão, nem era ajuda, tínhamos que lá estar, tínhamos que ajudar naquela luta, estávamos ali ao lado, quer dizer, e sermos um suporte, porque eles tinham que falar. (...) A comunicação era importante que existisse. Eles sabiam perfeitamente que a gente estava todas as semanas no ar»¹⁹.

A Cinequipa reivindicava o papel central do cinema, mas também da televisão, no movimento revolucionário em curso: «A acção desenvolvida pela Cinequipa e por outras cooperativas no setor audiovisual desde Abril de 1974, teve como fim ajudar à construção de um novo país»²⁰.

O processo criativo ou a mensagem são apresentados como sendo mais importantes do que a forma final da obra. Esta ideia é manifesta na combinação, comum nesse tipo de cinema, entre diferentes categorias de imagens em movimento (televisão, reportagem e cinema). Nesta conjuntura revolucionária, o cinema nem sempre era considerado o meio mais adequado para dar conta da celeridade do movimento de transformação do país. A televisão parecia muitas vezes mais adaptada ao programa da revolução que «requeria imediaticidade, proximidade e interpelação directa»²¹. No prolongamento dessa ideia de «filme de combate», o cinema militante era apresentado como uma obra coletiva, em dois sentidos: do ponto de vista da organização da prática cinematográfica, e do ponto de vista da relação estabelecida com a realidade social filmada. Assim, os dois filmes sobre a Applied Magnetics são assinados pela Cinequipa, sem indicação da presença de um realizador ou de funções diferenciadas dos vários membros da equipa. Na ficha do Instituto Português do Cinema do filme CONTRA AS MULTINACIONAIS (1977), a realização e produção do filme é atribuída à Cinequipa «com a colaboração dos seguintes elementos técnicos», seguindo-se a lista por ordem alfabética dos membros da Cinequipa²². Mas este coletivo integra também os trabalhadores da Applied Magnetics: «Como trabalho, é de lembrar que este é um filme colectivo desta Cooperativa feito em colaboração com os/as operários/as da Applied Magnetics e, portanto, de características fundamentalmente polémicas e inovadoras neste tipo de filme-combate»²³.

Outra característica do cinema militante é a escolha do objeto do filme: um acontecimento, isto é, uma greve que se transforma em movimento social e que rompe a ordem estabelecida. O que é exibido no filme não é o trabalho quotidiano, até porque a realidade desse trabalho é geralmente considerada neste tipo de filmes do ponto de vista da sua dimensão macrossociológica (evidenciada por exemplo na citação de estatísticas) ou através da mediação das palavras dos trabalhadores: «Como suporte ideológico, o filme terá as próprias opiniões-entrevistas dos/das operários/as, e todo o suporte estatístico e socioeconómico necessário para

¹⁷ AFMS, sinopse CM, s.d.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Entrevista ao realizador.

²⁰ AFMS, Quem é a Cinequipa, 1980.

²¹ Costa 2001, p. 7.

²² AFMS, Ficha IPC, 1977.

²³ AFMS, Ficha IPC, 1977.

analisar correctamente este tipo de empresas (livros, revistas especializadas, artigos publicados, etc.)»²⁴.

Os filmes *APPLIED MAGNETICS - O INÍCIO DE UMA LUTA* e *CONTRA AS MULTINACIONAIS* podem ser associados a diferentes subgéneros: filme-depoimento, por terem uma estrutura que se baseia na intenção de dar a palavra ao sujeito filmado sobre a sua experiência pessoal de vida ou trabalho; filme deliberativo, devido à existência de um narrador que convive com os depoimentos para deliberar ou comentar decisões políticas; e, por fim, retrato individual, por descreverem um conjunto de itinerários profissionais individuais.²⁵ No entanto, uma análise mais atenta revelou que, apesar de muitas das imagens do filme *APPLIED MAGNETICS – O INÍCIO DE UMA LUTA* (1975) reaparecerem em *CONTRA AS MULTINACIONAIS* (1977), existem diferenças substanciais entre os dois filmes.

Propomo-nos reconstituir o percurso que liga o programa de televisão de 1975 ao filme de 1977 a partir da comparação formal e de conteúdo entre os dois objetos fílmicos, examinando nomeadamente o modo de articulação entre um «filme-depoimento» (*APPLIED MAGNETICS*, 1975) e um «filme deliberativo» (*CONTRA AS MULTINACIONAIS*, 1977). A análise assenta em três eixos fundamentais: a estrutura narrativa dos filmes, as estratégias de uso de texto narrativo e de depoimentos, e as representações do trabalho mais incidentes, concretizadas na mensagem que os filmes pretendem transmitir, no quadro mais amplo do cinema militante.

O início de cada um é, desde logo, elucidativo das principais diferenças que os separam. *APPLIED MAGNETICS* começa com uma série de grandes planos de operárias, filmados no interior da fábrica, que nos indicam aquilo que atrai a atenção dos realizadores – os rostos jovens de uma mão de obra feminina de uma fábrica nos arredores de Lisboa. São estas jovens mulheres que veremos mais adiante no filme responder às perguntas da jornalista partilhando com o espectador as suas experiências de trabalho naquela empresa. *CONTRA AS MULTINACIONAIS*, por seu lado, começa com vários planos de letreiros e logótipos de empresas multinacionais no topo ou nas fachadas de edifícios, filmados a partir da rua, e montados em alternância com fotografias de manifestações.

Assim, se em *APPLIED MAGNETICS* estamos perante um retrato de pessoas, em *CONTRA AS MULTINACIONAIS* estamos perante o retrato de um sistema económico, em que a imagem das pessoas é usada como ilustração concreta para uma ideia: o combate ao sistema económico capitalista e, no seu âmbito, à presença das multinacionais em Portugal e às consequências múltiplas que tem aos níveis económico e social. Uma narração deliberativa contextualiza o espectador no funcionamento do capitalismo internacional e no papel (negativo) das multinacionais na economia global, assumindo um ponto de vista militante (como o próprio título do filme indica), sendo a conotação político-ideológica do discurso sublinhada pela utilização de uma música de intervenção de cariz revolucionário. No texto que se pode ouvir em *off* são usadas expressões como: «opressão», «capitalismo internacional», «quando um país cai nas mãos do imperialismo», «modelo de desenvolvimento recalcado das multinacionais». O contexto mais geral é o da presença de capitais estrangeiros em Portugal – representação do grande império económico que remonta às «indústrias extrativas e da cortiça», refere-se no filme. É transmitida a ideia de que os «conglomerados» vieram pôr em causa a ideia de Estado e de nação, aproveitando os «baixos impostos» e os «baixos salários».

²⁴ AFMS, Ficha IPC, 1977.

²⁵ Para um maior desenvolvimento acerca da definição dos subgéneros, cf. Vidal e Veloso, coord., 2016, p. 31-35.

No caso de APPLIED MAGNETICS, o tom do narrador é menos impositivo, desde logo pelo volume da voz, misturada com o som ambiente da fábrica, em que se ouvem outras vozes, nomeadamente das operárias. Apesar de ambos os filmes serem de teor deliberativo, em APPLIED MAGNETICS são os depoimentos que constituem o seu núcleo central, surgindo a voz do narrador (o próprio realizador do filme, Fernando Matos Silva) sobretudo para contextualizar a situação da empresa e colocar em diálogo as várias cenas através da denúncia das condições concretas de trabalho. A ênfase é colocada nos testemunhos diretos da classe operária. Pode ouvir-se: «a luta das operárias da Applied Magnetics começou há quatro meses, primeiro por melhores condições de trabalho e depois pelo direito ao trabalho.» A narração faz referência ao facto de serem admitidas quase exclusivamente mulheres (...) a partir dos 14 anos, a quem exigem, como habilitações, a quarta classe, visão perfeita, destreza manual.»

Em APPLIED MAGNETICS, enquadrado numa série dedicada, entre outros assuntos, às condições de trabalho das mulheres, a palavra sobre o trabalho é quase exclusivamente feminina, o que está, obviamente, associado ao facto de se integrar no conjunto de retratos sob o título NOME MULHER. A centralidade atribuída à questão da condição feminina, além de anunciada com os grandes planos iniciais das jovens operárias, é reforçada posteriormente por um conjunto de planos do espaço de trabalho construídos em torno da representação do papel social das mulheres: planos de crianças e bebés (ora a dormirem no espaço de trabalho ocupado pelas suas mães, ora a serem amamentados), ou planos das operárias tricotando ou vendo álbuns de casamento enquanto ocupam as instalações. Destaque-se a insistência da imagem nos rostos e mãos das jovens operárias. Também no som está bastante presente o ruído de fundo de crianças a chorar ou a brincar enquanto se realizam as entrevistas.

Apesar de em CONTRA AS MULTINACIONAIS muitos destes planos estarem também presentes – ou outros de conteúdo semelhante, filmados noutras fábricas para outros episódios da mesma série – as imagens não se relacionam tanto com as trajetórias individuais das operárias e a sua luta específica no quadro da Applied Magnetics. Aqui as imagens, sem som ambiente, relacionam-se mais com o papel das multinacionais na economia portuguesa e mundial, sobre o qual incide o discurso do narrador. Assim, afigura-se menos relevante para o filme se parte dos planos são a preto e branco e outros a cores, se são filmados em Sacavém ou noutras localidades periféricas de Lisboa onde estejam implantadas empresas multinacionais, já que o foco não é sobre aquelas pessoas ou locais de trabalho em particular, mas sobre um processo económico e político que é objeto de contestação e que essas imagens ilustram.

Assim, os planos de pessoas (como, por exemplo, trabalhadoras) cumprem uma função semelhante aos planos dos letreiros das empresas multinacionais filmados com *zoom* a várias centenas de metros de distância: assumem um poder simbólico e ilustrativo do discurso. Uns simbolizam o sistema económico, os outros simbolizam a luta contra esse mesmo sistema, bem como as suas consequências nas vidas pessoais e profissionais dos trabalhadores. A mensagem do narrador assume neste filme o papel central e é na complexidade do discurso verbal que se procura focar a atenção do espectador. Alguns cartões de texto com palavras de ordem (ex. «Consciência de classe. Luta de classes»; «Não ao despejo»; «Trabalhadores não roubam trabalhadores») vão sendo introduzidos ao longo do filme reforçando, assim, a mensagem do narrador.

Em CONTRA AS MULTINACIONAIS, além das canções de cariz revolucionário típicas da época, o trabalho de sonoplastia procura enriquecer sobretudo a sequência inicial, associando certos sons a certas multinacionais (Firestone – carros a acelerar e despistes; Timex – tic-tac de um relógio; Nestlé – um bebé a chorar; além de barulhos metálicos, ruídos, gritos distorcidos). Na

imagem, refira-se a inclusão, no final de CONTRA AS MULTINACIONAIS, de quatro retratos frontais de um pequeno grupo de trabalhadores sentados a olhar para a câmara, rodeados de mobiliário empilhado e as instalações praticamente vazias. Estes retratos frontais remetem, de alguma forma, para a tradição fotográfica de retratar os trabalhadores, nomeadamente rurais, no seu local de trabalho com os respetivos trajes, já presente em filmes das décadas de 1920 e 1930. Neste caso, não se trata de um trabalhador rural, mas de um operário urbano, que representa, de alguma forma, os seus companheiros de luta num espaço de trabalho vazio, evidenciando o investimento «perdido» das multinacionais em Portugal, mas, também, a ausência de emprego e de atividade laboral.

Para finalizar, importa reter que os filmes também se distinguem em termos do ponto de vista adotado sobre o movimento revolucionário. O subtítulo do primeiro filme – «o início de uma luta» – indica que o acontecimento ainda não teve desfecho. Apesar de o filme começar com as palavras do narrador dizendo, no passado, «durou quatro meses a luta da Applied Magnetics», é o acontecimento dessa luta que guia o filme. Já CONTRA AS MULTINACIONAIS, produzido dois anos mais tarde, lança um olhar retrospectivo sobre o contexto revolucionário vivido após o 25 de Abril de 1974, propondo-se, com alguma distância temporal, contextualizar algumas daquelas lutas, fazendo um retrato macrossociológico de um sistema económico a partir do exemplo da Applied Magnetics.

Duas cenas de CONTRA AS MULTINACIONAIS, que não estão presentes em APPLIED MAGNETICS, mostram acontecimentos importantes da luta das operárias pela manutenção do emprego: a concentração de pessoas diante das instalações da empresa aquando do seu despejo; e a manifestação das operárias diante do Ministério do Trabalho cercado o carro onde segue o administrador da empresa. Estas duas cenas destacam-se em CONTRA AS MULTINACIONAIS por se basearem no registo dos acontecimentos em curso e já não nas opções de montagem de imagens ilustrativas da realidade sobre a qual versa o filme. Naqueles dois momentos, é o acontecimento que conduz o filme, e não a voz do narrador. Quando esta surge, é para se referir pela primeira e única vez à situação concreta da empresa.

A par das diferenças formais, de conteúdo, ou de estrutura entre os dois filmes – que em parte remetem para diferenças nos dispositivos fílmicos e contextos de produção (televisão, no caso do primeiro, e cinema, no caso do segundo) – verifica-se também a existência de diferenças nos objetos representados: um contexto laboral e um movimento social em APPLIED MAGNETICS; um sistema económico em CONTRA AS MULTINACIONAIS. Estas diferenças podem ser analisadas como indício de flutuações ou divergências na definição do «acontecimento» que é objeto de cada um dos filmes, refletindo-se no discurso memorial construído pelos atores sociais envolvidos.

Os filmes partilham alguns traços que importam salientar. Ambos evidenciam representações de uma classe operária marcada por uma forte presença das mulheres com baixos níveis de escolaridade que desempenham funções desqualificadas e repetitivas, com condições de vida marcadas pela escassez de recursos económicos. No espaço da fábrica, destaca-se claramente a divisão técnica do trabalho marcada por uma hierarquia de género, em que cabem às mulheres as tarefas de execução e aos homens as de chefia ou de supervisão direta. Esta estrutura hierárquica é evidenciada ainda na Comissão de Trabalhadores, maioritariamente constituída por homens, bem como na peça de teatro que os operários encenam, na qual cabe aos homens a personificação das estruturas económicas e políticas: «capitalismo», «imperialismo e «colonialismo». Os filmes caracterizam-se também por um uso intenso e diversificado da palavra, ainda que com configurações distintas. Esta é assumida como motor de mobilização, nomeadamente através de suportes físicos: cartazes, anúncios pendurados nas paredes da

fábrica, cartões de texto com intertítulos, etc. Também é dada a voz à classe trabalhadora de forma individual (depoimentos das operárias) e coletiva (depoimentos da Comissão de Trabalhadores), bem como aos intelectuais que escrevem sobre a situação das multinacionais e da classe operária em Portugal.

Deste ponto de vista, os filmes dialogam com o amplo conjunto de investigações no campo das ciências sociais que se debruçaram sobre o contexto da presença das multinacionais em Portugal e documentaram a vida dos seus trabalhadores, no final da década de 1970.